

OSCAR NIEMEYER- AS OBRAS DE ARTE DO ARQUITETO DO
SONHO E DA INOVAÇÃO E AS PRÁTICAS DE ENSINO INTER-
TRANSDISCIPLINARES DE INCLUSÃO DESENVOLVIDAS NA
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

*OSCAR NIEMEYER- DREAM AND INNOVATION ARCHITECT'S
WORKS OF ART AND INTER-TRANSDISCIPLINARY INCLUSION
TEACHING PRACTICES DEVELOPED IN BELO HORIZONTE
METROPOLITAN REGION*

*OSCAR NIEMEYER- LES OUVRAGES D'ART D'ARCHITECTE DU
RÊVE ET DE L'INNOVATION ET LES PRATIQUES D'ENSEIGNEMENT
INTER-TRANSDISCIPLINAIRES VERS L'INCLUSION DÉVELOPPÉES
DANS LA RÉGION MÉTROPOLITAINE DE BELO HORIZONTE*

José Antônio Souza Deus

Professor Adjunto do Instituto de Geociências- IGC/ UFMG
Rua Mangabeira, 268/ 401- Santo Antônio
30.350.170 Belo Horizonte (MG)
jantoniosdeus@uol.com.br

Henrique Moreira Castro

Professor *PII* (Geografia/História) na Rede Municipal de Ensino- Betim/ MG
Rua Emílio Ricaldoni 141A/ 204- Bloco 5
30.530.210 Belo Horizonte (MG)
hmc8@terra.com.br

Resumo

Esse trabalho fundamenta-se na discussão de práticas de educação inclusiva, tendo sido focalizado nos temas concernentes à *cultura visual* de um período emblemático de nossa história- o *modernismo* (com ênfase na abordagem das clássicas obras arquitetônicas e paisagísticas de Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx)-, e tangenciando ainda a questão da educação patrimonial. A investigação foi desenvolvida em escolas municipais de uma área periférica industrializada e conurbada (município de Betim/ MG), de uma grande metrópole brasileira (Belo Horizonte). A linha interpretativa da *percepção ambiental* serviu de lastro para as discussões teórico-conceituais essenciais aí desenvolvidas (com contribuições de análises e interpretações alinhadas ainda com estudos de geografia cultural contemporâneos). Os paradigmas de interpretação adotados na investigação foram fundamentalmente de natureza geográfica, em diálogo com outros campos do Conhecimento.

Palavras-chave: Arquitetura Paisagística, Modernismo, Inter-transdisciplinaridade, Educação Inclusiva

Abstracts

In this paper, educational inclusion programs and practices are at issue. The research is focused in an emblematic cycle of Brazilian history- the *modernist* period-, whose *visual culture*, as for example Oscar Niemeyer's and Roberto Burle Marx's classical architectonic works of art are pointed and emphasized. Cultural heritage is also suitably considered in this approach. The research was developed in two basic schools situated in an industrialized peripheral area (Betim), of a Brazilian hinterland metropolis- Belo Horizonte, Minas Gerais state capital. *Environmental perception* concepts support theoretical reflections presented in the research, besides cultural approaches in progress in Human Geography nowadays. Geographical interpretation paradigms, by the way, characterize the research, in close interaction and interlocution with other knowledge fields.

Key-Words: Modernist Architecture, Inter-Transdisciplinary Studies, Educational Inclusion Programs.

Résumé

Cette recherche est fondée dans la discussion et pratiques d'enseignement d'inclusion en cours, avec emphase aux thèmes concernant à la culture visuelle d'un période emblématique de notre histoire- le modernisme (surtout les ouvrages classiques d'architecture et paysagisme d'Oscar Niemeyer et Roberto Burle Marx). L'éducation patrimoniale est aussi abordée, considérée et valorisée ici. L'investigation est développée avec écoliers municipaux à Betim- ville peripherique et industrialisée près Belo Horizonte- métropole d'hinterland et capitale d'état de Minas Gerais, situé au sud-est du Brésil. Le support théorique de la recherche correspond aux concepts actuels et innovateurs de la perception de l'environnement, de la géographie culturelle et de l'ethnographie. Les paradigmes d'interprétation utilisés sont essentiellement géographiques, en dialogue avec autres champs de la connaissance scientifique.

Mots-Clés: Architecture Moderniste et Paysagisme, Pratiques Inter-Transdisciplinaires, Enseignement d'Inclusion.

Introdução

Esse trabalho procura desenvolver uma abordagem conceitual centrada no cotidiano escolar inserida no contexto de uma proposta de ensino *inter-transdisciplinar* que se direcionou para a análise e interpretação das conexões e interfaces entre a Geografia, a História e a Arte, na ótica das intervenções em Arte/ Educação (BARBOSA, 2003, 2005; FRANCO, 2005; KOHL, SOLGA, 2001; MATTOS, 2003; SMITH-LUCIE, 2005). Os estudantes que participaram da experiência pertencem a dois estabelecimentos da rede municipal de ensino de Betim/ Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG)- as escolas *Belizário Ferreira Caminhas* (alunos vinculados à modalidade de *Educação de Jovens e Adultos/ EJA*) e *Raul Saraiva* (estudantes das turmas de quatorze anos e escolares portadores de deficiência auditiva). O trabalho contou com assessoria teórico-conceitual e metodológica de docentes do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/ UFMG), especializados na área de Geografia Cultural. Para a sua elaboração, foram levadas em consideração as propostas dos *Ciclos de Formação Humana* em Betim e seus pressupostos teóricos, éticos, políticos, filosóficos e pedagógicos bem como o conteúdo dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que postulam que os estudantes devam ser capazes de utilizar diferentes linguagens- incluindo-se aí, a cultura e a memória visuais.

O recorte temático selecionado para a viabilização e desenvolvimento dessa *práxis* foi uma *paisagem cultural* marcante na história recente de nosso país: a arquitetura paisagística do período modernista. Vale ressaltar que de acordo com Campbell, L., Campbell, B. e Dickinson (2000, p. 120), o estudo da arquitetura pode ser integrado em várias áreas temáticas apropriadas para todos os níveis de ensino:

“os elos com a arquitetura podem ser descobertos quando os professores consideram como o ambiente construído está envolvido em várias unidades didáticas. Além disso, encarando a humanidade como parte do ambiente, a arquitetura torna-se parte integrante de todas as atividades da vida, e não é mais encarada como matéria à parte”.

Referencial Teórico e Conceitual

Nas últimas décadas difundiu-se nas investigações e práticas geográficas a linha interpretativa baseada na *percepção do espaço vivido* através dos sentidos, que como se sabe, colocou em foco a questão das relações e sentimentos topofílicos e topofóbicos do indivíduo com o Lugar- fenômenos efusivamente discutidos em uma série de pesquisas e investigações (AMORIM FILHO, 1987, 1999, 2007; OLIVEIRA, 1999, 2006; OLIVEIRA, MACHADO, 2004; TUAN, 1980, 2005).

Ao elaborar um guia de trabalho em arquitetura paisagística, Benedito Abbud destacou que o paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Para o autor: enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam da visão, “o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas” (ABBUD, 2006, p. 15). No Brasil, a arte do paisagismo foi indelevelmente marcada, como se sabe, pela obra de Burle Marx, cuja originalidade residiu na criação de padrões de desenho que incorporam as formações naturais sem imitá-las e que não submetem a vegetação ao rigor dos ordenamentos racionalistas (FRANCO, 1997).

Já o arquiteto Oscar Niemeyer inovaria na época em que o racionalismo dominava com suas linhas retas, ao manifestar que sentia falta de uma maior liberdade no traçado da arquitetura. Niemeyer afirmou sugestivamente à época que não era o ângulo reto que o atraía, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem; mas, a curva livre, sensual! Ele inventou paredes e coberturas curvas, sinuosidade em arcos, estruturas inclinadas, deu nova dimensão aos espaços internos e externos, aos volumes irregulares, à precisão formal, às linhas livres. Enfim, criou uma nova vertente na arquitetura brasileira e conseqüentemente, mundial.

A capital mineira conta com importante acervo de obras de Niemeyer com destaque para o *Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha* (LANA, 1998; PIMENTEL, 2007; SOUZA, 1998)- fruto da intervenção do poder público sob a vigorosa e visionária liderança do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek que percebeu a necessidade da construção de marcantes edificações para o soerguimento cultural e econômico da capital e soube reconhecer o talento do promissor e jovem arquiteto. Esse conjunto foi tombado por meio do *decreto estadual no. 23646 de 26/ 06/ 1984* e através do *processo federal no. 1341-T-94 de 07/ 12/ 1994*. O projeto,

inspirado em Le Corbusier (1984) sugestivamente inclusive absorveu certos traços do barroco mineiro, com superfícies curvas predominando nas edificações (GARDINER, 1977). Para os modernistas, esse conjunto artístico, além de simbolizar a origem da nação, constituía seu elo com o futuro.

A região que hoje compreende a Pampulha era um latifúndio, chamado Bento Pires. Em 1771, a imensa gleba foi dividida em várias fazendas com diversos proprietários. Dentre essas, uma recebeu o nome Pampulha (que hoje compreende a lagoa, o zoológico, o jardim botânico, o aeroporto e o estádio do *Mineirão*). Existe a suposição de que alguns dos proprietários da fazenda seriam naturais de Lisboa, onde existe o bairro “Pampulha”. Essa hipótese para a origem do topônimo parece mais coerente do que a suposição da origem do termo ligada à junção de duas palavras: “pampa” (termo incaico que corresponde a “campo, prado”) e “hulha”, que é um sinônimo de carvão de pedra- registro toponímico que nos remeteria à presumível existência no local, de um depósito de hulha (ou turfa?) ou de um estabelecimento onde se fazia a comercialização de carvão (vale assinalar que para Corrêa- 2003, p.176- “a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um grupo cultural”).

Corrêa (2005, p. 9) classifica os monumentos como “formas simbólicas grandiosas: por exemplo, estátuas, obeliscos, colunas e templos”. E complexo da Pampulha, com seus monumentos, abre espaço para a concretização de aulas de caráter transdisciplinar pois as atuações de Oscar Niemeyer e Cândido Portinari no campo artístico brasileiro nos anos 40 do século XX (AZEVEDO, 2004; BAPTISTA, 2001; CARDOSO, 2008; FADEL, 2006; PINAKOTHEKE CULTURAL, 2002), transformaram a Igrejinha da Pampulha num **ícone arquitetônico**. A associação de painéis decorativos à arquitetura, marcou em definitivo, o sentido mítico da modernidade. E o mecenato de Juscelino Kubitschek consolidou, nesse momento, a parceria entre o arquiteto e o pintor. O painel de azulejos sobre a vida de São Francisco de Assis na fachada posterior da igreja compõe-se de tons de azul e branco, consagrando a tradição da *azulejaria* portuguesa e mesclando dessa maneira o estilo moderno com o barroco mineiro. O mural de Portinari acompanha a estrutura arquitetônica fundada na seqüência de abóbadas parabólicas que nascem do chão. O prédio do antigo cassino foi transformado no *Museu de Arte da Pampulha* quatorze anos

depois da sua inauguração. Ainda mantém jovialidade e continua surpreendendo pelo vanguardismo das formas e adereços.

O *Edifício Niemeyer*, localizado na *Praça da Liberdade* no centro da cidade, transformou-se por sua vez em um marco relevante da arquitetura moderna da capital contrastando com outros estilos arquitetônicos aí representados como o *neoclássico* (típico do período do início da construção de Belo Horizonte) e o *pós-moderno* (introduzido no logradouro, com a construção do prédio popularmente denominado “Rainha da Sucata” (BRANDÃO, 1998), e que hoje sedia o *Museu de Mineralogia Djalma Guimarães*). Fernandes *et. al.* (2007), vale ressaltar, produziram interessante e utilíssima cartilha (sob os pontos de vista da Geografia Cultural e da Geologia Urbana), analisando e descrevendo os materiais geológicos, pedras de cantaria, etc., utilizados na construção dessas emblemáticas edificações da metrópole mineira.

Esse espírito arrojado culminaria mais tarde, na criação de obras de Niemeyer durante o processo de construção da capital do país- uma “utopia modernista”, na ótica de Tirapelli (2000, p. 254). Ousadia e grandeza no sertão, a edificação de Brasília, patrimônio mundial da humanidade (ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, COMPANHIA DO DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL, DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL, 1991), levou apenas 42 meses, significou a consagração definitiva para o arquiteto da Pampulha e serviu para melhorar a auto-estima dos brasileiros.

Para Ohtake (2007, p. 38), “Brasília é uma das grandes experiências que o homem já empreendeu para ter o seu habitat construído”. Enquanto que na ótica de Murinho (2004, p. 200), “a escala monumental é aquela que confere à cidade o caráter de capital” Mas essa escala dos empreendimentos arquitetônicos da nova capital federal do Brasil também foi alvo de questionamentos, pois de acordo com determinadas visões, os edifícios monumentais contribuem para fomentar o equívoco da identificação da arquitetura moderna com novidade espetacular, e para mostrar uma imagem falsa de progresso e eficácia (DOIS, 1979).

Polêmicas à parte, Niemeyer deixou e continua deixando sua marca em vários cantos do Brasil, em construções erguidas nos últimos sessenta anos como o *Parque do Ibirapuera*, o *Edifício Copam* e o *Memorial da América Latina*, em São Paulo; o *Museu*

Oscar Niemeyer, em Curitiba/ PR; e o *Museu de Arte Contemporânea*, em Niterói/ RJ, além de obras espalhadas por todo o mundo.

Metodologia Utilizada

Um aspecto particular a ser destacado no desenvolvimento dessa experiência- e de práticas similares que temos desenvolvido em sala de aula (CASTRO, DEUS, 2007; DEUS, FERREIRA, RODRIGUES, 2007), é que os alunos envolvidos foram preparados durante o processo de ensino-aprendizagem para adquirirem a capacidade de interpretar e entender as produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo dessa maneira as diferentes intenções e situações de comunicação. Apostamos na possibilidade de que os estudantes se instrumentalizem para desenvolver uma competência estética e artística nas diversas áreas do conhecimento, sendo capazes de produzir trabalhos individuais ou coletivos e de se motivarem progressivamente a apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas, produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (em particular, os arquitetônicos- BENÉVOLO, 1991).

Para a viabilização dessas práticas de ensino nos apropriamos, a propósito, dos múltiplos recursos tecnológicos hoje disponíveis para a aquisição de conhecimento, interagindo de forma crítica com o mundo virtual/ real. No caso dos deficientes, que não possuem memória auditiva foi necessário se trabalhar os conceitos em aulas de laboratório e oficinas em que se utilizaram recursos iconográficos (como: cartões postais, desenhos, fotografias, etc.) e modelagem em argila.

Além desses procedimentos metodológicos, efetuamos trabalhos de campo nos conjuntos arquitetônicos da Pampulha e da Praça da Liberdade (CASTRO, VITALINA, 2004), com as turmas da modalidade de “Educação de Jovens e Adultos” no período noturno, e com as turmas de educação formal e deficientes auditivos no período matutino (nesse caso, com interação entre escolares dos dois grupos)- colocando em pauta aí, temas como as *paisagens culturais* (COSGROVE, 1998), a *topofilia*, a *topofobia*, o *topocídio* e a *topo-reabilitação*- que correspondem ao mesmo tempo, a conceitos da percepção ambiental e a ferramentas do planejamento ambiental e territorial (AMORIM FILHO, 1999; TUAN, 2005). Tais conceitos foram apresentados

aos alunos de forma contextualizada, no âmbito das discussões incluídas nas linhas interpretativas da Geografia Cultural/ Etnogeografia (CLAVAL, 1992, 1996, 2008; DEUS, 2005; HALL, 2001; HOLZER, 1997, 1999; McDOWELL, 1996).

Principais Questões / Pontos Desenvolvidos

Uma das questões colocadas em pauta por Hernández (2000), em torno da *cultura visual* é o papel da educação escolar na construção e na mediação da identidade pessoal dos alunos e a importância do reconhecimento da diversidade de pontos de vista na perspectiva da educação para a compreensão. Para Ocaña e Jiménez (2006, p. 25), dar atenção à diversidade aliás, “é planejar e aplicar uma série sistematizada e avaliável de estratégias organizativas, administrativas, curriculares e metodológicas para garantir a todos os alunos seu desenvolvimento integral” de acordo com suas possibilidades pessoais. Já Meneses (2005), destaca a importância do estudo que ele define como *iconosfera*, isto é, o conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento no qual ela interage. Em nossa proposta de intervenção esses conceitos e temas foram trabalhados, como já sinalizamos, com dois segmentos situados à margem do sistema educacional brasileiro: as pessoas atendidas pela *Educação de Jovens e Adultos (EJA)* e os Deficientes Auditivos (*DA*).

Segundo Dayrell (2005, p. 53), as origens da *EJA* “remontam aos riquíssimos processos da Educação Popular no Brasil, uma tradição que não podemos relegar ao esquecimento”, e sua tradição, “sempre foi mais ampla que o ensino, não se reduzindo à escolarização, à transmissão de conteúdos, mas dizendo respeito aos processos educativos amplos relacionados à formação humana” (DAYRELL, 2005, p. 53). Deve ser considerado que nesta modalidade de ensino estão incluídos dois agrupamentos ou coletivos com realidades bastante diferenciadas: o dos jovens e o dos adultos. O primeiro grupo é muitas vezes constituído de pessoas excluídas do *Ensino Fundamental* por múltiplas razões entre as quais podemos destacar: repetência, indisciplina, evasão, irresponsabilidade diante dos compromissos escolares, falta de respeito entre os pares e para com os professores e envolvimento em pequenas infrações. Essa juventude que frequenta o ensino noturno é sempre vista a partir de modelos construídos de forma

estereotipada, pois muitos educadores subestimam ou desconhecem o universo sociocultural dos estudantes que vivem nas periferias das grandes metrópoles.

O segundo grupo merece ser analisado a partir de seu histórico de vida que em muitos casos poderia revelar sua característica de migrantes, sem formação escolar e qualificação profissional, correspondendo a um setor “*excluído*” do processo de modernização conservadora do campo, que se intensificou a partir da década de 70 (do século XX), com as profundas transformações por que passaram a agricultura e o espaço rural no Brasil no período compreendido entre fins da década de 70 e início da década de 80 e que se traduziram numa intensa, mas parcial e setORIZADA modernização produtiva, no esvaziamento populacional relativo desse espaço e em novas dinâmicas sociais, econômicas e ambientais imbricadas com uma reestruturação baseada na monocultura de exportação.

Essa massa de despossuídos que se acumula no campo é ainda mais expressiva nas periferias urbanas, aonde vem se somar à miséria já existente na região antes da modernização dos anos 80. Vale ressaltar que em muitos casos como nas favelas de grandes cidades brasileiras, a população desenvolve laços com o seu *espaço vivido* mesmo em um território muito precário (HAESBAERT, 2001, 2002 a/b, 2004a, 2007). Nesse caso “como em geral há várias formas de reterritorialização no interior da favela, na maioria das vezes a condição de aglomerados de exclusão é transitória, revelando-se mais claramente nos momentos de grave crise” (HAESBAERT, 2004b, p. 353).

A *Escola Municipal Belizário Ferreira Caminhas* localiza-seno interior de um aglomerado chamado Jardim Teresópolis ameaçado pela presença, em subsuperfície, de gasodutos, e onde habitam pessoas oriundas de “áreas deprimidas” como o Vale do Jequitinhonha/ MG ou diferentes estados do nordeste brasileiro, que constroem uma vivência espacial nesse novo lugar, almejam ser inseridas no mercado formal de trabalho e por isso investem em sua educação.

A prática educativa com os deficientes auditivos por sua vez nos remete a reflexões tais como aquelas levantadas por autores como Diniz e Rahme (2004, p. 135-136), que demarcaram com muita propriedade em seus estudos e reflexões que:

“para realizar a inclusão é preciso uma postura crítica dos educadores e educadoras em relação aos saberes escolares e à forma como eles podem ser trabalhados. Isso implica considerar

que a escola não é uma instituição pronta, acabada, inflexível, mas uma estrutura que deve acompanhar o ritmo dos educadores e dos educandos, em um processo que requer diálogo nos coletivos de trabalho, na relação com a comunidade escolar e com outros campos do conhecimento”.

A *Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro*, localizada no Bairro Brasília-próximo ao centro da cidade-, é o único estabelecimento que atende ao público não-ouvinte em Betim/ MG, e agrega alunos provenientes de municípios vizinhos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Esmeraldas, Igarapé e São Joaquim de Bicas). Os deficientes auditivos do turno matutino, com os quais trabalhamos, estão agrupados em dois ciclos (os dois últimos ciclos do ensino fundamental- correspondendo o 1º ciclo às 5ª. e 6ª. séries, e o 2º. ciclo às 7ª e 8ª. séries).

Considerações Finais: Resultados Alcançados e Conclusões

Acreditamos que no contexto de uma proposta de intervenção pedagógica como a que explicitamos aqui, viabiliza-se a introdução no currículo, de uma abordagem educacional que respeita e valoriza o patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental- visualizando-se aí o estudo dos bens patrimoniais materiais ou imateriais como um tema transversal na educação. Vale ressaltar que o estudo do patrimônio histórico e cultural vem sendo apontado como um novo e promissor campo de ação para os professores (CARSALADE, 2002; FIGUEIREDO, 2002; FUNARI, PELEGRINI, 2006) e que o conceito de patrimônio hoje ultrapassa a lógica meramente lucrativa na medida em que ganha campo a idéia de que desenvolvimento econômico e preservação da memória são compatíveis. Patrimônio compreende o “lugar social” de um segmento ou comunidade, o **território impalpável onde um povo exerce a sua identidade**. São locais ou centros que se tornaram redutos de determinadas práticas sociais e culturais ao longo do tempo.

A culminância do trabalho se deu com a realização de uma feira cultural onde os escolares sistematizaram as informações e experiências com a apresentação de trabalhos, exposição de desenhos, leitura e interpretação de textos poéticos modernistas e confecção de mosaicos (utilizando materiais recicláveis). A avaliação do processo teve

um caráter processual e contínuo, respeitando a diversidade sociocultural dos educandos.

Referências Bibliográficas

ABBUD, Benedito– *Criando Paisagens: Guia de Trabalho em Arquitetura Paisagística*. 2 Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2006, 207 p.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno – A Pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. In: KOZEL, Saete, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Humanística*. São Paulo: Terceira Margem/ NEER, 2007, p. 15-35.

_____. O Contexto Teórico do Desenvolvimento dos

Estudos Humanísticos e Perceptivos na Geografia. *Publicações Especiais/ IGC-UFMG*, Belo Horizonte, n. 5, p. 9- 20, 1987.

_____. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lívia. *Percepção Ambiental: A Perspectiva Brasileira*. 2 Ed. São Carlos (SP): Editora UFSCar, Studio Nobel Editora, 1999, p. 139-152.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL; COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL; DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL – *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília: ArPDF/CODEPLAN/DePHA, 1991, 112 p.

AZEVEDO, Heloíza de Aquino – *Cândido Portinari- Filho do Brasil, Orgulho de Brodowski!* Campinas (SP): Educação & Cia, 2004, 60 p.

BAPTISTA, Anna Paola Pacheco – *Coleções do Moderno: Hecilda e Sergio Fadel na Chácara do Céu*. Rio de Janeiro: Museu da Chácara do Céu, 2001, 56 p.

BARBOSA, Ana Mae – As Mutações do Conceito e da Prática. 2 Ed. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 13-25.

_____ - Dilemas da Arte/ Educação Como Mediação Cultural em Namoro Com as Tecnologias Contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/ Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 98-125.

BENEVOLO, Leonardo – *A Cidade e o Arquiteto: Método e História da Arquitetura*. 2 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, 144 p. Original Italiano.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite - A Cena Contemporânea. In: Castriota, Leonardo Barci. *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 231-262.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee – *Ensino e Aprendizagem Por Meio das Inteligências Múltiplas*. 2 Ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 2000, 308 p.

CARDOSO, Rafael – *A Arte Brasileira em 25 Quadros (1790/1930)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008, 222 p.

CARSALADE, Flávio de Lemos – Educação e Patrimônio Cultural. In: GRUPO GESTOR DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL/ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Reflexões e Contribuições Para a Educação Patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/ MG, 2002, p. 65-80.

CASTRO, Henrique Moreira; DEUS, José Antônio Souza – O Mundo Agrário Sob a Ótica da Cultura Visual: Uma Abordagem Teórico-Conceitual e Metodológica Aplicada ao Ensino das Geociências. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 4, *Anais...* Londrina/ PR, USP/ UNESP/ UFMS/ UEL/ Unioeste-PR, 2007, p. 1-15.

CASTRO, Henrique Moreira; VITALINA, Rosemary – A Liberdade da Praça e a Sua Relação Espaço-Temporal na Busca da Totalidade do Conhecimento. Bauru (SP), *Ciência Geográfica*, v. 10, n. 1, p. 64- 68, jan./ abr. 2004.

CLAVAL, Paul – Champs et Perspectives de la Géographie Culturelle. *Géographie Et Cultures*, Paris, n. 1, p. 7-38, 1992.

_____ - Geografia e Dimensão Espacial: A Importância dos Processos na Superfície da Terra. In: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, Eguimar Felício, BRAGA, Helaine Costa. *Geografia e Cultura- Os Lugares da Vida e a Vida dos Lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 17-46.

_____ - Le Territoire Dans la Transition à la Postmodernité. *Géographies et Cultures*, Paris, n. 20, p. 93-112, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato – A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p. 167- 186.

_____ - Monumentos, Política e Espaço. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 9-42.

COSGROVE, Denis E. – A Geografia Está Em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92- 122.

DAYRELL, Juarez Tarcísio – Juventude, Produção Cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio, GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro, GOMES, Nilma Lino. *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p. 53- 67.

DEUS, José Antônio Souza – Linhas Interpretativas e Debates Atuais no Âmbito da Geografia Cultural, Universal e Brasileira. Belo Horizonte, *Caderno de Geografia*, v. 15, n. 25, p. 45-59, 2º. sem. 2005.

DEUS, José Antônio Souza, FERREIRA, Cosme Damião D.; RODRIGUES Ronan S. – Preservação da Área Cárstica de Lagoa Santa/ MG Através da Educação Ambiental. *Geonomos*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 49-54, dez. 1997.

DINIZ, Margareth; RAHME, Mônica – Da Educação Especial à Educação Inclusiva. In: DINIZ, Margareth, VASCONCELOS, Renata Nunes – *Pluralidade Cultural e Inclusão na Formação de Professores e Professoras: Gênero, Sexualidade, Raça, Educação Especial, Educação Indígena, Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004, p. 110- 136.

DOIS, José A. – *Função da Arquitetura Moderna*. Tradução de Costa Vieira. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil S/A, 1979, 142 p. Original Castelhana.

FADEL, Sérgio – *A Arte Moderna no Brasil- O Olhar do Colecionador*. Rio de Janeiro: Edições Fadel, 2006, 302 p.

FERNANDES, Maria Lourdes *et. al.* – *Garimpendo a Praça da Liberdade*. Belo Horizonte: MMPDG, 2007, 28 p.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves – Patrimônio Histórico e Cultural: Um Novo Campo de Ação Para os Professores. In: GRUPO GESTOR DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL/ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/ MG. *Reflexões e Contribuições Para a Educação Patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/ MG, 2002, p. 51-64.

FRANCO, Adalva de Lima; ELIAS, Ana Cristina; GODINHO, Izilda de Barros – *Materiais Alternativos no Ensino de Arte*. Goiânia: Editora UFG, 2005, 130 p.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro – *Desenho Ambiental: Uma Introdução à Arquitetura da Paisagem Com o Paradigma Ecológico*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 1997, 224 p.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo - *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 72 p.

GARDINER, Stephen – *Le Corbusier*. Tradução de Gilberto B. Oliveira e Jamir Martins. São Paulo: Editora Cultrix/ EdUSP, 1977, 120 p.

HAESBAERT, Rogério- Concepções de Território Para Entender a Desterritorialização. In: SANTOS, Milton, BECKER, Bertha K. *Território, Territórios: Ensaio Sobre o Ordenamento Territorial*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 43-71.

_____ - Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: LIMONAD, Ester, HAESBAERT, Rogério, MOREIRA, Ruy. *Brasil, Século XXI- Por Uma Nova Regionalização: Agentes, Processos, Escalas*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2004a, p. 173-193.

_____ - Fim dos Territórios ou Novas Territorialidades? In: LOPES, Luiz Paulo da Moita, BASTOS, Liliana Cabral. *Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas (SP): Mercado de Letras/ CNPq, 2002a, p. 29-51.

_____ - *O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multi-Territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b, 400 p.

_____ - *Territórios Alternativos*. Niterói (RJ): EdUFF/ Editora Contexto, 2002b, 186 p.

_____ - Território, Cultura e Des-Territorialização. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 115-144.

HALL, Stuart- *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 5 Ed. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 102 p. Original Inglês.

HERNÁNDEZ, Fernando – *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Tradução de Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, Ltda., 2000, 261 p.

HOLZER, Werther– O Lugar na Geografia Humanista. *Território*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 67-78, jul./ dez. 1999.

_____ - Uma Discussão Fenomenológica Sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. *Território*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./ dez. 1997.

KOHL, Maryann F.; SOLGA, Kim – *Descobrimos Grandes Artistas- A Prática da Arte Para Crianças*. Tradução de Roberto C. Costa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001, 184 p. Original Inglês.

LANA, Ricardo - *Arquitetos dos Jardins: Roberto Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto*. In: SOUZA, Eneida Maria. *Modernidades Tardias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.83-102.

LE CORBUSIER - *Planejamento Urbano*. 3 Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984, 200 p.

MATTOS, Paula Belfort – *A Arte de Educar- Cartilha de Arte e Educação Para Professores do Ensino Fundamental e Médio*. São Paulo: Antônio Bellini Editora & Cultura/ International Paper/ Ministério da Cultura, 2003, 164 p.

McDOWELL, L. – *As Transformações da Geografia Cultural*. In: GREGORY, Dereck, MARTIN, Ron, SMITH, Graham. *Geografia Humana- Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p 159-188.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra – *Rumo a Uma História Visual*. In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia, NOVAES, Sylvia Caiuby. *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru (SP): EdUSC, 2005, p. 33- 56.

MURTINHO, Wladimir - *Um Sonho Chamado Brasília*. In: MATSUURA, Koichiro *et. al. World Heritage in Brazil*. 3 Ed. Brasília: UNESCO/ Caixa Econômica Federal, 2004, p. 196- 209.

OCAÑA, Antonio Maria López; JIMÉNEZ, Manuel Zafra – *Atenção à Diversidade na Educação de Jovens*. São Paulo: ARTMED Editora, 2006, 174 p.

OHTAKE, Ricardo – *Oscar Niemeyer*. São Paulo: Publifolha, 2007, 106 p.

OLIVEIRA, Livia - *Percepção e Representação do Espaço Geográfico*. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Livia. *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. 2 Ed. São Carlos (SP): Editora UFSCar/ Studio Nobel, 1999, p. 187-212.

_____ - Representação Cognitiva do Mundo Interior. In: OLIVEIRA, Livia, FERREIRA, Yoshiya Nakagawara, GRATÃO, Lúcia Helena Batista, MARANDOLA Jr., Eduardo. *Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina (PR): Editora Humanidades, 2006, p. 35-47.

OLIVEIRA, Livia; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho – Percepção, Cognição, Dimensão Ambiental e Desenvolvimento Com Sustentabilidade. In: VITTE, Antônio Carlos, GUERRA, Antônio José Teixeira. *Reflexões Sobre a Geografia Física no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 129-152.

PIMENTEL, Thaís Veloso Cougo – *Multiple Pampulha- A City Region On the Reading of Museu Histórico Abílio Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007, 163 p.

PINAKOTHECKE CULTURAL – *Cândido Portinari (1903/1962): Pinturas e Desenhos*. Rio de Janeiro: Pinakothèque Cultural, 2002, 104 p.

SMITH-LUCIE, Edward – Arte Moderna, História da Arte e Crítica da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/ Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 25-39.

SOUSA, Renato César José - A Arquitetura em Belo Horizonte nas Décadas de 40 e 50: Utopia e Transgressão. In: Castriota, Leonardo Barci. *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.183-230.

TIRAPELLI, Percival – *World Heritage Sites in Brazil*. São Paulo: Metalivros, 2000, 288 p.

TUAN, Yi-Fu – *Paisagens do Medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 375 p.

_____ - *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980, 288 p. Original Inglês.

Recebido para publicação em maio de 2008
Aprovado para publicação em junho de 2008